

O AUDIOVISUAL PARA A EDUCAÇÃO: O TEMPO DO SUJEITO COMO AGENTE DE SUA PRÓPRIA APRENDIZAGEM

GRAZIELE MÔNICA CARDozo¹; AMANDA DA ROCHA AZEVEDO, MARCOS AURÉLIO DA SILVA MARTINS, JULIANA ALOY BERNY²; RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS (orientadora)³;

¹Universidade federal de Pelotas – grazi_cardozo@hotmail.com

²Universidade federal de Pelotas – a.rochazevedo@gmail.com,

marcosmartins_gremista@hotmail.com, julianaberny@hotmail.com

³Universidade federal de Pelotas – rita.ramos@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Ver um produto audiovisual é se dispor. É dispor parte do seu tempo para ver/ouvir/entender aquilo que na tela se dá. Assim também o é estudar. Porém, o espaço-tempo de alguns indivíduos não é igual ao espaço-tempo ditado pelo formato cartesiano escolar. Cada qual possui o seu próprio tempo, e esse tempo é inerente ao sujeito, assim como disse Tarkovski “é necessário para que o homem, criatura mortal seja capaz de se realizar como personalidade” (2010, p.64). Esse tempo entendido como um estado de alma, e não como mera cronologia linear, comprehende que cada indivíduo possui sua forma única de ver/ouvir/entender aquilo que lhe é apresentado, seja na tela, seja fora dela.

Pelo conceito filosófico grego de *Kairós* – ou seja, aquele tempo que, ao contrário do cronológico, simboliza um período específico para a realização de determinada atividade, ou mais especificamente, o tempo que cada atividade lhe parece gastar, de forma não fracionada, mas sim sensorial – a produção audiovisual, mais especificamente, a produção de vídeo-aulas, dentro da educação permite que cada sujeito possa utilizar seu próprio tempo *Kairós* para ver/ouvir/entender um assunto dentro de sua formação acadêmica, de forma a compreender o conteúdo exercendo sua autonomia.

Tal liberdade dada pelo vídeo, disponível em plataformas *online* como, por exemplo, o *youtube.com*, ou em sites de educação à distância, permite que esse aprender seja realmente ativo e dinâmico. O espectador/aluno pode, então, ver partes do vídeo em horários diferentes, pode voltar em um ponto específico mais de uma vez até entendê-lo, pode ver apenas metade de uma explicação e já compreendê-la, sem precisar vê-la por completo. Ou seja, sua própria forma de aprender e seu próprio tempo agem e reagem à produção audiovisual didática de forma diferente que agiria – e reagiria – a uma aula presencial.

Partindo, então, da relação do sujeito com o espaço-tempo que lhe envolta, o ensino a distância (EaD) vem ao encontro do indivíduo que se utiliza das ferramentas dispostas em seu tempo único, levando em conta sua própria maneira de ver/ouvir/entender para aprender de forma prática aquilo a que se propõe. Com isso, se embasando em tais considerações, o seguinte texto propõe pensar essa aprendizagem única através das produções audiovisuais – chamadas de vídeo-aulas – desenvolvidas pelo Laboratório Virtual Multilínguagens (LVM) da UFPel.

2. METODOLOGIA

Através das produções de vídeo-aulas desenvolvidas pelo Laboratório Virtual Multilinguagens, começou-se a questionar o tempo de duração de cada produto. Com isso, foram produzidas vídeo-aulas com duração máxima de dez minutos, sendo discutida a forma como esses vídeos poderiam ser acessados, vistos e compreendidos pelos graduandos do curso de educação a distância (EaD) de Matemática – licenciatura.

Propondo pensar a relação do indivíduo com o espaço-tempo que lhe envolta, foram utilizados autores que tratam a relação do tempo de forma filosófica, como Tarkovski (2010) e Focault (1992). Visando entender a forma como esse tempo único e inerente ao indivíduo interfere em sua aprendizagem, foi utilizado o artigo *Os Meninos*, escrito pela autora Maura Lopes Corcini e pelo autor Alfredo Veiga-Neto, em 2004.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O LVM começou no ano de 2012, porém, somente se consolidou em 2014; os bolsistas do projeto desenvolviam jogos e atividades a serem gravadas e editadas, sempre tendo como fim a produção de vídeo-aulas que pudessem ser disponibilizadas no site do projeto ou no canal do mesmo na plataforma online *youtube.com*. O projeto continua desenvolvendo tais vídeo-aulas, e como há uma produção contínua de mais de um ano, pode-se dizer que, no momento, a discussão em torno de tais produções não se prende apenas em colocá-las em prática. Com toda a experiência já adquirida pelo projeto, a possibilidade de se pensar tais vídeo-aulas de forma além de pedagógica – como também filosófica – se torna viável, visto que toda análise feita pelos integrantes do projeto em cima dos produtos audiovisuais busca o aperfeiçoamento do trabalho que já vem sendo feito por todos.

O problema na homogeneização do espaço-tempo social moderno



Imagen 1 – Fotografia de Robert Doisneau, publicada na capa da obra coletiva organizada por Compère (1997)

O Ensino a distância (EAD) adveio como uma alternativa educacional para uma contemporaneidade que questiona a relação do sujeito com o espaço-tempo, assim como Maura Corcini Lopes e Alfredo Veiga-Neto (2004) ao analisarem uma fotografia de Robert Doisneau (1997) – na qual aparecerem três meninos sentados dentro de uma sala de aula e na parede ao fundo se encontra um relógio marcando 11hrs e 30min – utilizando como base o texto *Las Meninas* (FOUCALT, 1992), problematizam as táticas assumidas pela escola para homogeneizar o espaço e o tempo sociais modernos.

Na fotografia, os autores, através de sua própria leitura, perceberam que os três meninos dispostos dentro da sala de aula são inevitavelmente diferentes e, por conseguinte, agem de formas distintas. O *primeiro menino* – aquele que está sentado à direita do quadro – está com sua pasta de materiais aberta, e um lápis na mão. Ele olha para o relógio, como se estivesse apreensivo com o “rápido” passar do tempo. O *segundo menino* – sentado no centro da fotografia – porém, tem todas as suas coisas já guardadas, os braços e pernas cruzados e o olhar atento ao fotográfico. Ele parece amedrontado, preso ali pela rigidez do sistema escolar, esperando apenas uma palavra para sair correndo da sala de aula; provavelmente, para ele, o tempo está passando “lentamente”. Já o *terceiro menino* – sentado à esquerda do quadro, em primeiro plano – assim como o menino anterior, também está com seus materiais arrumados, contudo, ele olha serenamente para além do fotógrafo, além da fotografia, como se não estivesse ali. Seu corpo permanece guardado pela sala de aula, porém seu olhar está ausente, assim como a sua atenção, logo, o tempo daquele espaço não lhe importa.

Pensando essa imagem a partir da leitura feita pelos autores Maura Corcini Lopes e Alfredo Veiga-Neto (2004), pode-se perceber a latente heterogeneidade presente em tal espaço escolar específico, mesmo embora ocupado por poucos alunos. Cada menino possui sua própria relação com o tempo, e a partir dessa percepção, se torna recorrente questionar a rígida tentativa de homogeneizar o espaço-tempo de indivíduos tão distintos entre si. Se apenas um dos três meninos ainda está fazendo alguma tarefa condizente com a disciplina ministrada no momento, porque os outros dois não podem simplesmente ir embora? Aqueles três meninos demonstram não ter autonomia em sua aprendizagem, e o tempo fracionado, medido e preso em um relógio dentro do espaço escolar dita regras que não contemplam o tempo próprio de cada um deles, o seu *Kairós*.

O EaD vem ao encontro, então, da autonomia de aprendizagem individual. O Ensino a Distância claramente não anula a necessidade de se ter acesso a aulas presenciais, contudo, permite que a autonomia do aluno seja agente, reagente e motora em seu próprio aprendizado; a partir de tal percepção, pode-se considerar que o EaD tem ferramentas a apresentar que poderiam ser utilizadas para implementar a formação fundamental, universitária, entre outras. O audiovisual é um exemplo de tais ferramentas. As vídeo-aulas produzidas para um curso específico, ao serem disponibilizadas em plataformas onlines de acesso público possibilitam que indivíduos de outros cursos – e até mesmo fora do meio acadêmico – também possam acessá-las. Considerando seu curto tempo de duração, pode-se pressupor que tais indivíduos são se cansem rapidamente de tais vídeos, porém, caso se cansem, a autonomia é respeitada, e eles podem voltar a acessar o vídeo quando tiverem mais tempo disponível para ouvi-lo/vê-lo/entendê-lo.

Se os meninos da fotografia fossem ainda estudantes no ano de 2015 e tivessem acesso a produções audiovisuais pensadas para complementar a sua formação, cada qual poderia se utilizar de tais produções para compreender

melhor um conteúdo em seu próprio espaço-tempo. O *primeiro menino* não precisaria ficar apreensivo com o passar das horas, com medo de não conseguir terminar o que deveria. O *segundo menino* não precisaria estar em um espaço no qual se sente amedrontado, apenas enquanto esperava uma sentença para deixar a sala. Enquanto o *terceiro menino* poderia levar seu corpo para um espaço que a sua atenção também se encontrasse presente. Talvez às 11hrs e 30min daquela manhã registrada na fotografia, os três não estivessem estudando, no entanto, cada qual teria aquela produção audiovisual disponível para quando melhor conseguisse encaixá-la em seu próprio tempo, sendo entendidos como indivíduos distintos e autônomos. “E a vida não é mais que a fração de tempo que lhe foi concebida, durante a qual ele pode (e, na verdade, deve) moldar seu espírito de acordo com seu próprio entendimento dos objetivos da existência humana” (Tarkovski, 2010, p.65). Com isso, a vídeo-aula pode ser a mediadora entre o respeito ao próprio tempo-espacó individual do sujeito, e o aprendizado que o mesmo deve obter.

4. CONCLUSÕES

Pelo projeto LVM são produzidas vídeo-aulas como uma ferramenta audiovisual que visa difundir diferentes conceitos a serem trabalhados tanto pelos graduandos em Matemática - licenciatura em sala de aula, quanto por quem mais o conteúdo de tais produções interessar.

Com isso, tal produção audiovisual se mostra uma potente ferramenta que pode ser utilizada com o objetivo de respeitar o tempo único – o *Kairós* – de cada sujeito, permitindo que sua autonomia seja agente principal em sua própria aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPES. Edital 35 de 2012. Programas Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores. Conselho de Apoio a Pesquisa no Ensino Superior.

FOUCALT, M. Las Meninas. In: FOUCALT, M. **As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981. Cap. 1, p.03-22.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Os Meninos. **Educação e Realidade**, Rio de Janeiro, v.29, n.1, p.230-239, 2004.

PROJETO LVM. Laboratório Virtual Multilínguagens. Projeto de ensino aprovado pelo COCEPE UFPel em 2014.

TARKOVSKI, A. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.